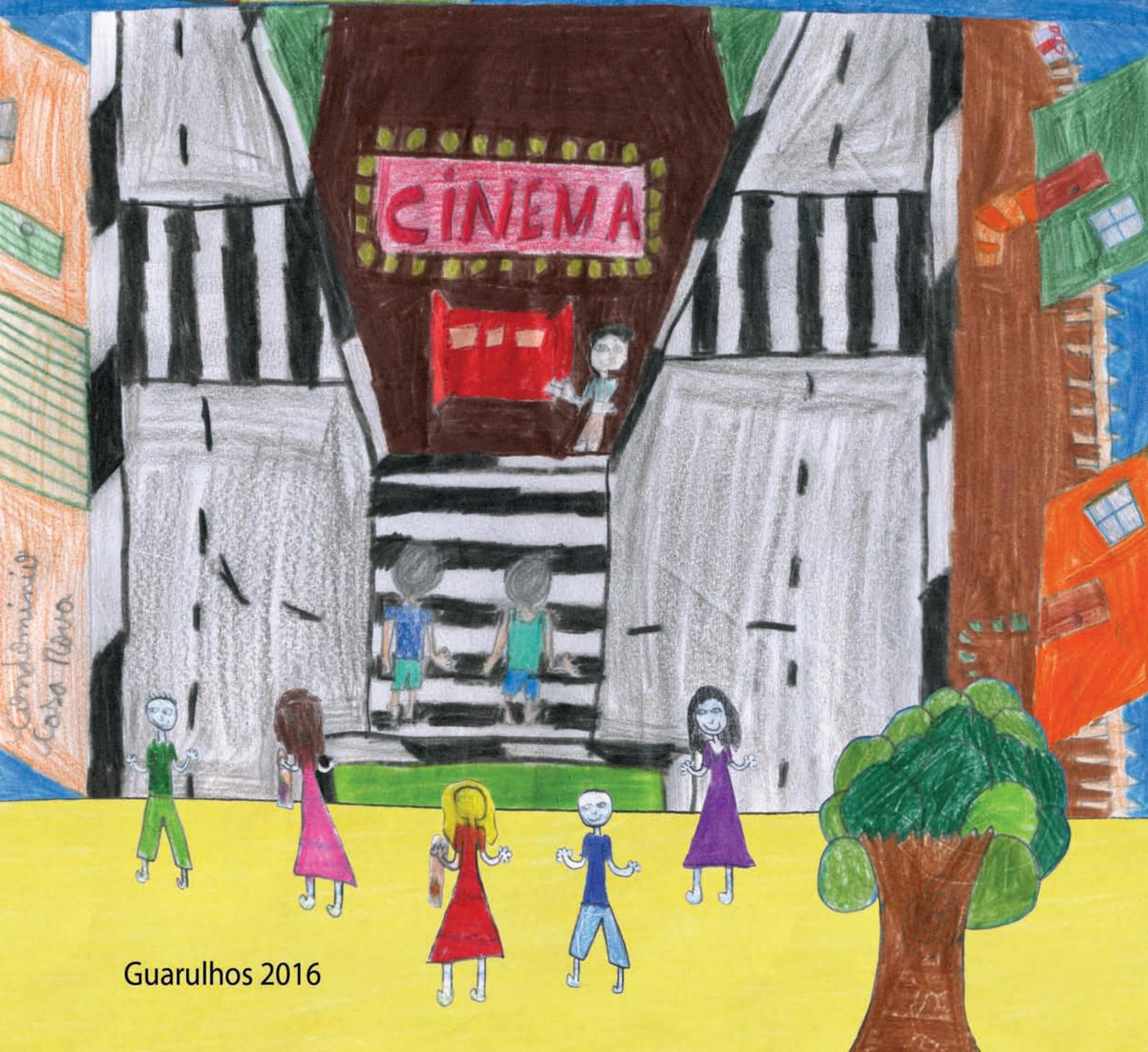


HISTÓRIAS

Toda escola
tem uma para contar



Guarulhos 2016



Com o propósito de transformar as histórias de vida de toda e qualquer pessoa em fonte de conhecimento, compreensão e conexão entre pessoas, valorizar a diversidade cultural e a história de cada pessoa como patrimônio da humanidade, o Museu da Pessoa propôs ao Instituto EDP e à Secretaria Municipal de Educação de Guarulhos uma parceria para realizarem, juntos, o Projeto Todo lugar tem uma história para contar.

Coordenadores pedagógicos e professores de ensino fundamental e de educação de jovens e adultos (EJA) foram formados na metodologia de registro de memória oral desenvolvida pelo Museu da Pessoa, para juntamente com seus alunos revelarem histórias de moradores da cidade. Os educadores e alunos puderam refletir sobre a memória local e compartilhar suas histórias. Laços afetivos foram criados, vínculos construídos e reconstruídos.

Recorrente é o fato de muitos de nós acharmos que não temos histórias de vida relevantes para contar. Os alunos da EJA, ao registrarem e socializarem as suas histórias, compreenderam que elas fazem parte de um conjunto maior, que compõem a história de um país e a memória social dos lugares por onde passaram.

Os alunos do ensino fundamental foram buscar, com os moradores, histórias de vida repletas de acontecimentos do cotidiano, da cidade, da imigração.

As histórias dos entrevistados pelos alunos do ensino fundamental e os relatos dos jovens e adultos da EJA revelam o mosaico das diferentes origens dos moradores da cidade de Guarulhos: Ceará, Pernambuco, Piauí, Bahia, Paraná, Alagoas, Maranhão, São Paulo. Tão distantes e tão próximos, todos moradores da mesma cidade. Vidas de caminhos muitos e que com o projeto se cruzaram na escola. São histórias que encantam, emocionam, divertem, surpreendem.

Com o projeto e com a publicação *Histórias - Toda escola tem uma para contar*, esperamos ter contribuído com a construção de um legado diferenciado da história da cidade que revela a pluralidade de visões e sua difusão para diferentes segmentos e espaços sociais.

E você, leitor? Qual a sua história? Afinal, toda pessoa tem uma pra contar!

Museu da Pessoa

Vale ressaltar que este projeto teve o apoio da Lei de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet) - Plano Anual de Atividades Museu da Pessoa - Pronac 158581.



Convite para o leitor

A oportunidade de valorizar a história de uma comunidade através do registro de suas experiências é um sinal de amor e reconhecimento pelas pessoas que ali residem e construíram suas vidas. Incorporar esse registro à formação de professores, coordenadores pedagógicos e alunos faz com que o desenvolvimento desses participantes esteja diretamente ligado ao desenvolvimento da comunidade, bem como ao orgulho representado por serem partes integrantes dessas memórias.

A EDP acredita que a sua energia está em cuidar sempre melhor das pessoas e do ambiente onde elas vivem e realizam os seus sonhos. O Projeto Todo lugar tem uma história para contar é uma forma de cuidar da memória da comunidade, eternizando suas histórias, estreitando laços afetivos entre depoentes e escolas.

Em parceria com o Museu da Pessoa e o Instituto EDP agradecemos a todos os envolvidos no projeto, que se dedicaram para que entrevistas, desenhos, vídeos, fotos e textos fossem feitos e representassem o registro fiel de parte deste importante município de São Paulo.

Hoje, queremos compartilhar esses registros com você, simplesmente por acreditarmos que eles poderão enriquecer a sua história.

O convite está feito! Boa leitura!

Obrigado!

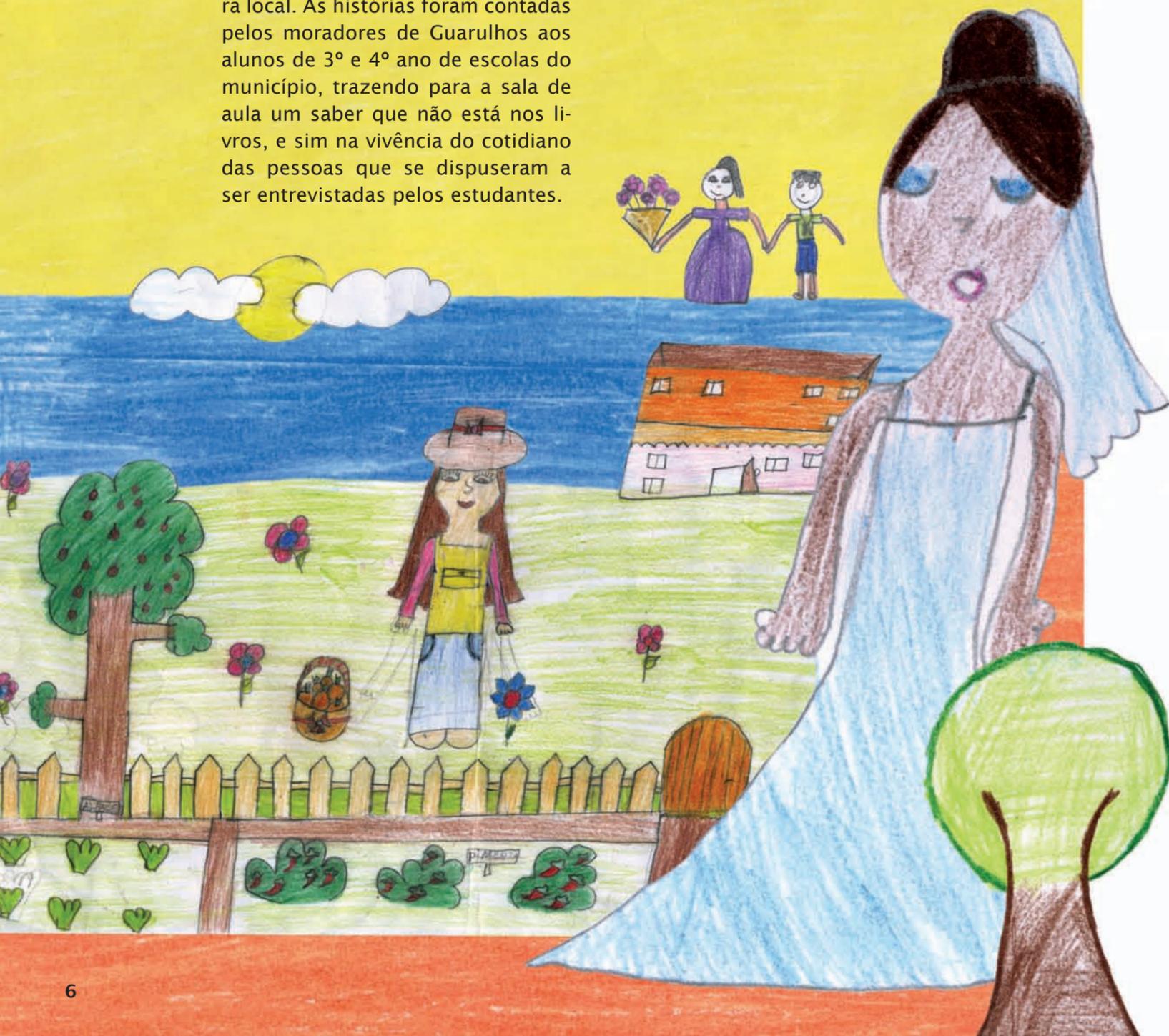
Luis Carlos Gouveia Pereira
Diretor Executivo do Instituto EDP



TRAJETÓRIAS

Compartilhadas

Registrar a memória de um lugar a partir das histórias de vida de seus moradores é valorizar sua identidade, conhecer e compreender a cultura local. As histórias foram contadas pelos moradores de Guarulhos aos alunos de 3º e 4º ano de escolas do município, trazendo para a sala de aula um saber que não está nos livros, e sim na vivência do cotidiano das pessoas que se dispuseram a ser entrevistadas pelos estudantes.



ZENAIDE

Infância feliz

Seus pais, Vicente e Frozina, trabalhavam na roça e eram muito bons. Seu pai era muito carinhoso e a mãe mais rígida. Teve uma avó índia que foi pega no mato e colocada em um quartinho para amansar e assim casar com seu avô, que a conheceu olhando por um buraquinho na porta.

Tem sete irmãos e gostava muito de ouvir as histórias que o pai contava. Sentavam em roda, mas sentia medo devido à escuridão, pois tinham somente um candeeiro. Brincava de bruxinha, uma boneca feita de pano, comia as frutas diretamente do pé e morava em uma casa bem grande, com sete cômodos.

Os estudos

Não gostava de ir à escola por causa dos castigos e também porque era muito longe. Sua professora era sua prima. Um dia conversou com o pai para não mais ir à escola e ele perguntou se o que tinha aprendido estava bom. Ela disse que sim, e o pai atendeu seu pedido! Assim, rasgou todos os cadernos e livros, mas depois disso teve que ir trabalhar na roça.

Zenaide Gomes Rocha nasceu em 10/12/1952, na cidade de Barra do Choça, na Bahia.

O sonho

O tempo passou e, quando se casou, estava tão emocionada que entrou na igreja de olhos fechados, realizando assim o sonho de se mudar para São Paulo. Seu primeiro esposo foi ator de banguê-banguê na TV, mas não lembra qual. Nesse casamento, construiu uma casa no bairro Dinamarca, em Guarulhos, uma das primeiras casas de um lugar muito calmo e com muita lama. Seu esposo faleceu, após quatro anos, e, como a deixou com dois filhos, ela voltou para a Bahia.

De volta a São Paulo

Casou-se novamente e retornou para a casa do Dinamarca que estava invadida. Foi ao tribunal e a recuperou. Ficou viúva outra vez e com mais um filho. Teve um último casamento que gerou mais um filho e acabou por ficar viúva novamente. Hoje seus quatro filhos estão criados e seu sonho é que eles sejam felizes.





GILBERTO

A infância

Sr. Gilberto vivia na Bahia com seus pais e quatro irmãos. Quando criança, durante o dia, trabalhava na roça com seu pai e, à noite, ia para a escola de bicicleta. Quando chovia, ele pegava folha de bananeira para se proteger da chuva.



A fuga

Certa vez, seu pai lhe aplicou um castigo físico muito severo. Ficou tristonho, fugiu de casa e acabou dormindo no meio da mata. Na manhã seguinte, ele encontrou um casal de idosos que lhe deu alimento e ofereceu trabalho na fazenda. Na época, com 15 anos, também ajudava a senhora na cozinha e assim tomou gosto por cozinhar.

Até que chega a Guarulhos

Depois de adulto, viajou para Rondônia para trabalhar na colheita de algodão. Viajou também para Pernambuco, Rio Grande do Sul, sempre trabalhando em fazendas. Quando chegou ao Rio de Janeiro, trabalhou como segurança, cozinheiro, operador de máquinas e garçom.

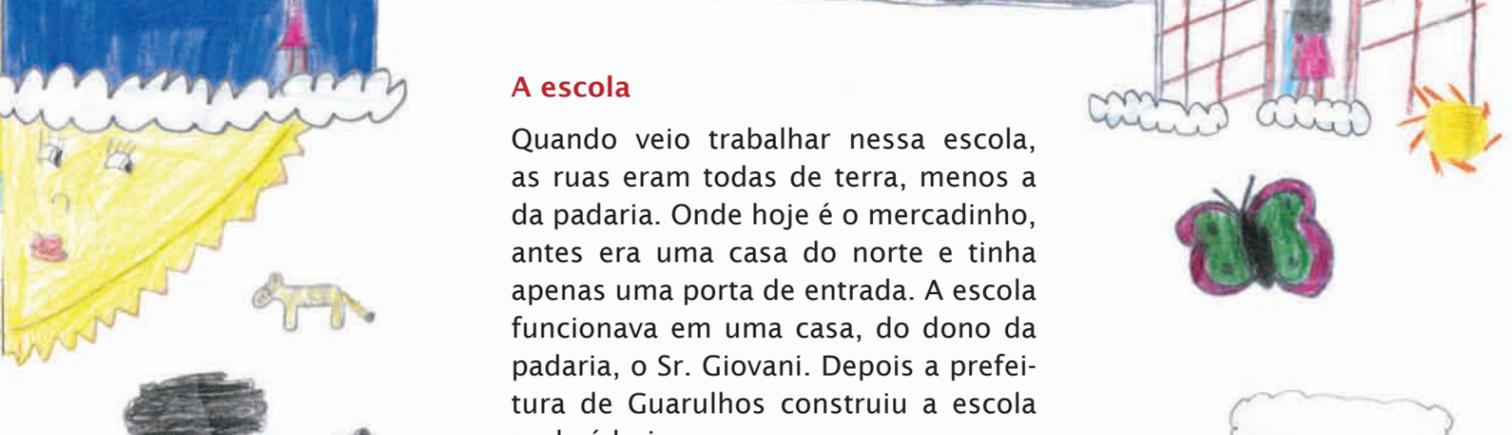
Em 2000, o Sr. Gilberto veio pra Guarulhos e passou a morar no Ponte Alta. Casou-se e tem quatro filhos. Nessa época, ele trabalha como ajudante de pedreiro.

O movimento de catadores de recicláveis

Sem trabalho e tendo que sustentar sua família, passa a coletar materiais recicláveis pelo bairro Ponte Alta. Uniu-se ao movimento nacional de catadores de recicláveis e foi homenageado em uma reunião nacional em Brasília. Isso o deixou muito feliz. Atualmente, esse movimento aumentou e com isso aumentou também sua renda financeira, além de ter orgulho do que faz. Ele dá palestras sobre a importância de reciclar. Desde criança, já sabia que a natureza pode oferecer grandes coisas para o ser humano, como abrigo, alimento e sustento. Então: "Por que não cuidar dela?"

Gilberto Barbosa Brito nasceu na Bahia, na cidade de Itajuípe. Mora em Guarulhos, São Paulo.





A tia Benildes

Muito nova, tia Benildes, como carinhosamente é chamada, já trabalhava na roça e nos afazeres domésticos para ajudar seus pais. De origem bastante pobre – mas, como disse, “tem família mais pobre ainda” –, com nove irmãos, seu brinquedo era uma boneca de plástico, bem “ralé”, mas de que gostava muito, pois era a única que tinha.

Comida que dá água na boca

Aos 19 anos, mudou-se para São Paulo, onde foi trabalhar em casas de família, aprendendo a cozinhar com suas patroas. O básico aprendeu com sua mãe, que cozinhou muito bem, mas eram pratos muito simples. Em 1990, ingressou na prefeitura de Guarulhos e aprendeu a cozinhar pratos diferentes. Como cozinheira na EPG Inês Rizzatto Rodrigues, as mães dos alunos sempre diziam que queriam provar, pois o cheiro era de dar água na boca.

A escola

Quando veio trabalhar nessa escola, as ruas eram todas de terra, menos a da padaria. Onde hoje é o mercadinho, antes era uma casa do norte e tinha apenas uma porta de entrada. A escola funcionava em uma casa, do dono da padaria, o Sr. Giovanni. Depois a prefeitura de Guarulhos construiu a escola onde é hoje.

Brilho no olhar

Tia Benildes teve dois filhos, um falecido há uns três anos e uma filha casada. Seu rosto se ilumina e luzes se acendem em seus olhos ao dizer que será avó pela primeira vez.

Benildes Alves de Oliveira nasceu na Bahia e tem 61 anos. Concluiu o ensino médio na cidade de Guarulhos.





Tio Ivan, amigo da comunidade

Seu nome é José Ivan Ferreira
Ele veio para Guarulhos com 8 anos
Trabalhava na feira
Engraxando sapatos com seus panos.

Foi muito estudioso
Porém bastante bagunceiro
Gostava de ler e jogar futebol
aprontava o dia inteiro.

Teve vários empregos
Para a casa sustentar
Quando a idade certa chegou
em empresas pôde trabalhar

Com os amigos começou a sair
Gostava de cinema e paquerar
Já tinha responsabilidades em casa
com as despesas, precisava colaborar.

Casou-se debaixo do pé de manga
a garota dos sonhos, sua esperança.
Teve duas lindas meninas
uma faleceu ainda criança.

Formado em Teologia,
Ajuda quem precisa
Faz pós-graduação
Serviços sociais realiza.

Quer montar uma biblioteca comunitária
e ampliar seus trabalhos sociais
Coloca Deus em primeiro lugar
a comunidade quer ajudar cada vez mais.

José Ivan Ferreira tem 49 anos, é natural
de Pernambuco e mora em Guarulhos, no
Jardim Aracília, desde os 8 anos.



MARIA AUGUSTA

Em Portugal

A infância de D. Augusta foi bonita em terras portuguesas. Estudou numa escola muito boa e costumava dançar muito, brincar muito e trabalhar. Na época, era comum as crianças trabalharem desde pequenas. Casou-se, e, ainda em Portugal, teve cinco filhos.

Pétalas de rosas

Sua família veio residir no Brasil em 1962 e há 49 anos vive no Aracília. No início, o bairro tinha poucas casas, apenas umas quatro ou cinco, e no local onde hoje fica a escola existia uma chácara de rosas. D. Augusta se sente segura em morar nesse bairro por conhecer grande parte dos moradores e ser um bom lugar para viver, como uma “vila”. Ali aconteciam muitas festas bonitas, como a de Nossa Senhora de Fátima e as festas juninas. Nessas festas, era costume ter muitas comidas e danças regionais. Por ocasião da inauguração do bairro, um padre benzeu pétalas de rosas e jogou sobre o local de cima de um helicóptero. Por essa razão ela acredita que esse bairro seja abençoado.



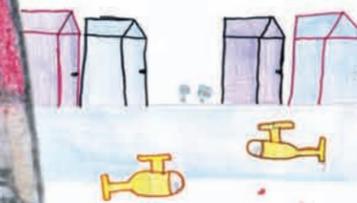
Idas e vindas

Desde que veio para o Brasil, já voltou em visita três vezes à sua terra natal e pretende ir novamente em abril de 2017. Costuma pagar promessas na Capela de Nossa Senhora de Fátima.

Vê verde pelas janelas

Atualmente, ela tem uma grande família: seis filhos, 15 netos e 10 bisnetos. Viúva, mora sozinha e costuma limpar a casa e cuidar de suas plantas diariamente. Não voltaria a morar em Portugal, pois, aqui, quando sai à rua ou viaja, vê verde pelas janelas.

Maria Augusta tem 87 anos, nasceu em Portugal em 1929. Mora no bairro Aracília, Guarulhos, São Paulo.





EUNICE

Minha mãe

Quando eu nasci, minha mãe trabalhava lavando roupas. Ela foi pai e mãe pra mim, pois não conheci um pai. Hoje ela tem 108 anos, é linda e graciosa. Dança, faz roupas e cancalon para suas bonecas. Eu tinha seis irmãos, dois homens e quatro mulheres, mas não tenho contato com eles porque moram na Bahia.

Trabalho infantil

Eu passei parte da infância em Igaporã e Caculé, depois fui para Salvador. Comecei a trabalhar quando tinha 8 anos de idade, porque meu padrasto me assediava e, quando contei isso para a mamãe, ela prontamente arrumou um emprego para mim. Eu cuidava de idosos, cozinhava, lavava e passava. Eu apanhava da minha patroa porque não passava roupa direito.



A fuga

Como não podia acender a luz do quarto para estudar e fazer as lições, eu me sentava na sacada para aproveitar a luz da televisão que minha patroa assistia. Fugi da casa e fui acolhida por um senhor de bom coração que me deu vários conselhos sobre os perigos e riscos da minha fuga, mas que permitiu que eu passasse a noite em sua casa.

Juntando as letras

Eu adorava ler revistas e também as usava para colocar em cima da cabeça para andar de forma elegante, pois eu tinha um sonho de ser modelo. Eu gostava de ler romances e me via no papel das mulheres da história. Eu conhecia vários países mesmo sem ter ido a nenhum deles. Eu aprendi a ler sozinha, fiz isso juntando as letras.

Eu não tenho medos

Eu não tenho medos e, se aparece algo, eu enfrento. Eu gostaria de ser lembrada como uma mulher guerreira e lutadora.

Eunice de Jesus Santana Araujo tem 49 anos, é casada com Aroldo e tem dois filhos. Participou com um deles do Projeto Social Educriança, onde hoje é a EPG Professor Edson Nunes Malecka.



Morei com muitas famílias

Até os 9 anos, morei com muitas famílias, porque meus pais não tinham condições de me criar. Foi quando decidi morar com minha mãe. Como passávamos dificuldades, resolvi trabalhar para ajudá-la.

O trabalho

Comecei a vender doce, sorvete e engraxe sapatos. Mas o que me deu dinheiro mesmo foi quando comecei a vender papelão. Eu ia para a escola, na volta comia na casa de algum conhecido. Eu tinha um carrinho feito de geladeira e catava papelão pelas ruas. Fiz isso tão bem que o dono do ferro-velho me contratou para trabalhar na balança pesando o ferro-velho para ele. Fui promovido.

Manoel Rodrigues Português

foi coordenador do Projeto Social Educiança. Hoje é diretor na educação.

O futebol

Adoro futebol, sempre fui muito elogiado por jogar bem. Tanto que, aos 13 anos, fiz teste na Portuguesa, passei, mas não pude ficar, tive que optar entre o trabalho com registro em carteira e o futebol.

Carteira assinada

Aos 14 anos, consegui emprego com carteira assinada em uma metalúrgica no ABCD, em Diadema. Lá tinha um cara que sempre vinha na porta da fábrica para falar com a gente. Esse cara depois virou presidente da República e eu o conheci frente a frente.

A faculdade

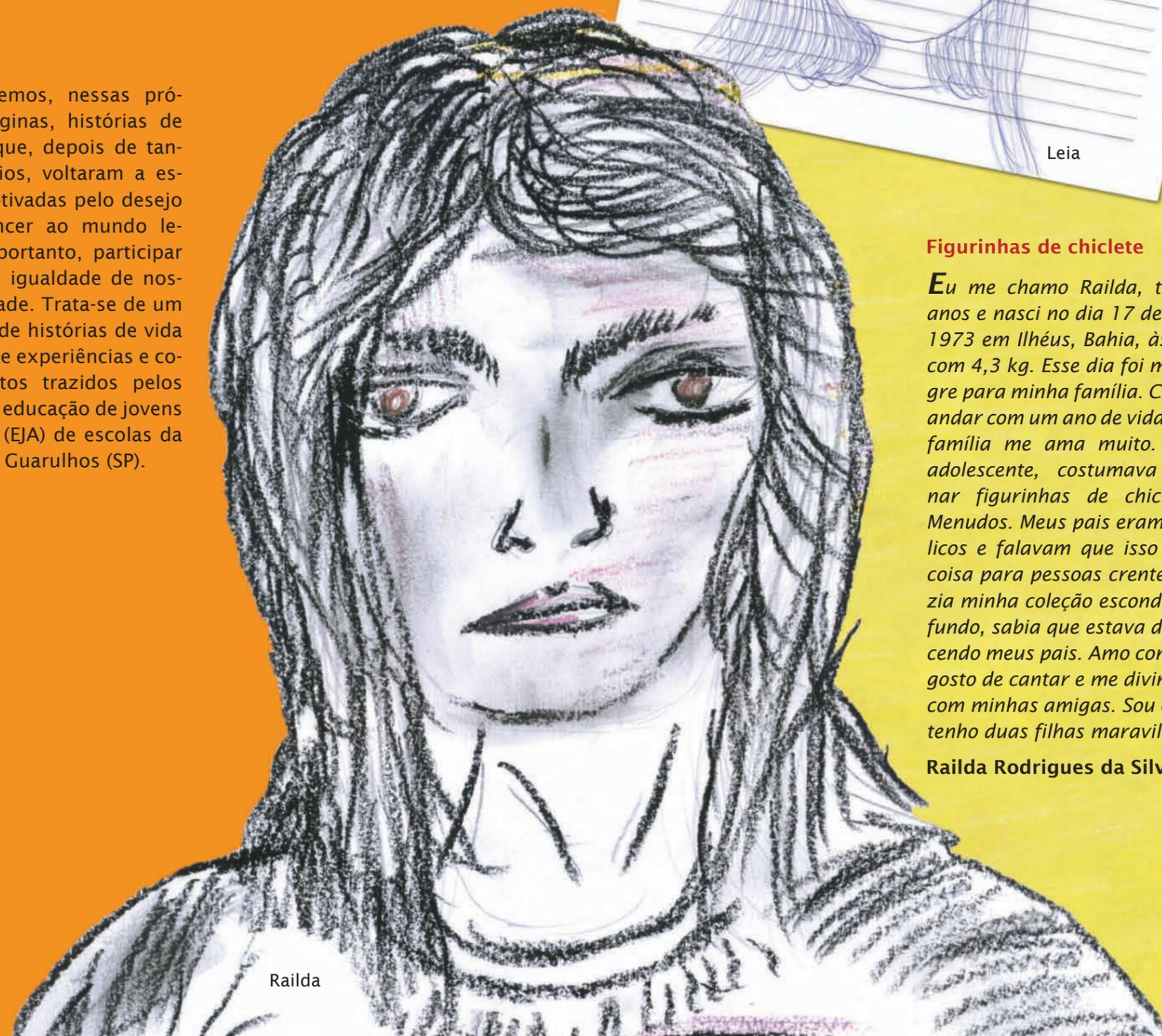
Aos 16 anos comecei a dar aula na igreja para adultos que não sabiam ler. Ao terminar o ensino médio, estudei na PUC; metade do valor foi pago por uma das famílias com que morei e a outra metade pela igreja. Nessa época, comecei a dar aula no presídio do Carandiru. Trabalhei por 16 anos em presídios, depois me tornei coordenador. Costumo dizer que não escolhi, e sim que fui escolhido para a profissão.



TRAJETÓRIAS

Revisitadas na EJA

Conheceremos, nessas próximas páginas, histórias de pessoas que, depois de tantos desafios, voltaram a estudar, motivadas pelo desejo de pertencer ao mundo letrado e, portanto, participar com mais igualdade de nossa sociedade. Trata-se de um conjunto de histórias de vida repletas de experiências e conhecimentos trazidos pelos alunos da educação de jovens e adultos (EJA) de escolas da cidade de Guarulhos (SP).



Railda



Leia

Figurinhas de chiclete

Eu me chamo Railda, tenho 40 anos e nasci no dia 17 de maio de 1973 em Ilhéus, Bahia, às 23h50, com 4,3 kg. Esse dia foi muito alegre para minha família. Comecei a andar com um ano de vida e minha família me ama muito. Quando adolescente, costumava colecionar figurinhas de chiclete dos Menudos. Meus pais eram evangélicos e falavam que isso não era coisa para pessoas crentes. Eu fazia minha coleção escondida e, no fundo, sabia que estava desobedecendo meus pais. Amo cores vivas, gosto de cantar e me divirto muito com minhas amigas. Sou casada e tenho duas filhas maravilhosas.

Railda Rodrigues da Silva

Lutando pela minha felicidade

Órfã de pai e mãe, após os 15 anos de idade precisei cuidar dos meus irmãos. Depois de algum tempo, engravidei e cuidei de meu filho sozinha, superando esses desafios da vida. Mais tarde conheci Josevaldo, hoje meu marido, e esses foram os melhores momentos de minha vida. Hoje sou uma vencedora e vou continuar lutando pela minha felicidade.

Leia Freitas dos Santos

Segurança

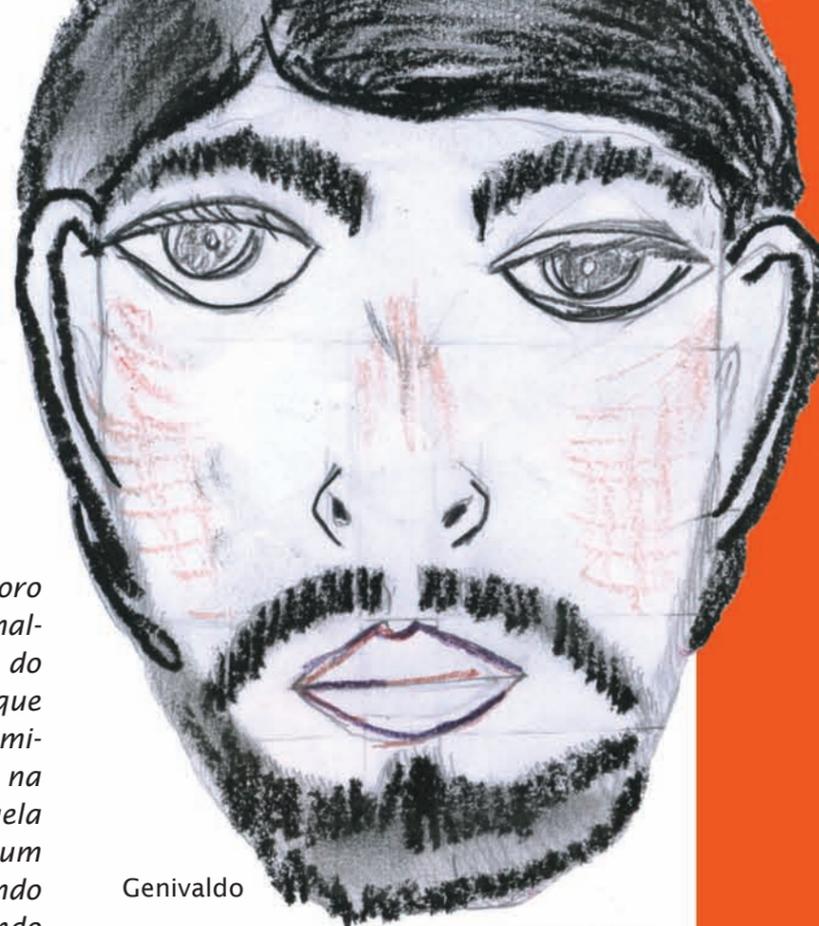
Parei de estudar porque tive filhos quando ainda era muito nova e precisei cuidar deles. Hoje, como necessito trabalhar, o único emprego que arrumei foi como auxiliar de limpeza. Agora voltei a estudar, porque quero uma profissão melhor. Daqui a dois anos pretendo ser segurança. Para isso, pretendo estudar muito.

Verônica Soares da Silva

Vida que segue

Uma lembrança que marcou minha vida foi a de meu pai indo embora com meus irmãos quando éramos pequenos. Isso foi marcante em minha vida. Eu tinha que ajudar minha mãe e passei minha infância trabalhando, sem estudar. Estou agora, com 28 anos, retornando aos meus estudos para me tornar, enfim, um vencedor: vida que segue!

Jônatas da Silva Tiago



Genivaldo



OLHA, MÃE, EU PASSEI DE ANO FINALMENTE

AGORA, FILHA, VOCÊ VAI PODER ARRUMAR UM EMPREGO, NÉ?

SIM, MAS É PARA PAGAR MEU CURSO DE COZELHARIA DE BORDO, MEU SONHO!

SE FOR PARA REALIZAR TEU SONHO, EU TE ARIO

Meu filhote

Nasci em 5 de novembro de 1998 e moro em Guarulhos. Uma linda memória de minha infância foi quando eu tinha 7 anos de idade e ganhei da minha tia o meu primeiro cachorro. Tivemos que buscá-lo à noite, na casa de minha tia em Arujá. Colocamos o filhote numa caixa e o trouxemos de ônibus para nossa casa.

Laís Inácio de Lima

Ser pai

O melhor dia da minha vida foi quando fiquei sabendo que iria ser pai. Foi muita alegria, mas infelizmente não cheguei a ver meu filho, pois tive que vir para São Paulo trabalhar. Continuo aqui e eles na Bahia. Quando eu telefono e escuto meu filho me chamar de pai, não consigo explicar a emoção.

Geovani Conceição da Silva

Meu pai

Com 3 anos de idade eu, meu pai e minha mãe viemos para São Paulo. Ficamos morando no bairro de Pirituba. Meu pai estava desempregado e minha mãe era menor de idade. Passamos o maior aperto e foi aí que meu pai partiu para o crime, vendendo drogas. Um dia, ele chegou a bater em minha mãe com o cabo do revólver. Meu pai foi preso quando estava traficando e ficou em Franco da Rocha. Depois de pagar sua pena ele saiu da penitenciária e, no mesmo dia, foi assassinado dentro de um bar. Eu estava com 5 anos. Sou baiano da cidade de Paulo Afonso e tenho atualmente 22 anos.

Deivide Fortunato da Silva

Pressentimento

Nasci no Paraná, tenho 41 anos e hoje moro em Guarulhos. Em 2007 trabalhava normalmente quando me pediram para ir até a TAM do Aeroporto de Congonhas. Cheguei lá e, assim que coloquei meu pé na plataforma, Deus falou comigo que iria acontecer algo ali. Fiquei encostado na parede do lado direito, mas resolvi sair daquela parede. Eu já estava do lado esquerdo quando um avião da TAM bateu no prédio e vi pedras voando e muito fogo. Pulei da plataforma e fiquei olhando o prédio. Rapidamente havia bombeiros e polícia no local, além de pessoas pulando do prédio. Esse dia foi horrível.

Genivaldo Euzébio de Souza

Recomeço

Algo marcante em minha vida foi quando eu decidi sair do mundo das drogas e parar com as bebidas alcoólicas. Saí da cidade onde eu morava - Leme, em São Paulo - e vim para Guarulhos tentar uma vida melhor. Hoje estou numa igreja, conheci várias pessoas legais. Conheci também o amor de minha vida, revi parentes que eu não conhecia e consegui inclusive uma vaga na escola para terminar meus estudos.

Murilo Fabrício de Moraes



Laís





Propósitos, vitórias e conquistas

Morei em Alagoas até 14 anos de idade com meus avós. Quando criança brincava muito no chão da sala, fazia travessuras e só depois vim para São Paulo morar com minha mãe. Quando cheguei aqui, ela me levou para fazer tratamentos, comecei a fisioterapia. Entrei na Apae, em Guarulhos, e foi lá que aprendi a escrever, a ler melhor e desenvolver minha fala. Aprendi a respeitar cada pessoa com igualdade, pois mesmo deficientes somos todos seres humanos. Com a professora Joice comecei a ter aulas de dança, que me ajudaram a me locomover, controlar meus movimentos e ter outra mente. Quero muito terminar meus estudos, fazer faculdade, ser psicóloga; mostrar que todos nós temos propósitos, vitórias e conquistas.

Cirlane Gomes

Acordei para a vida

Nasci em Guarulhos e comecei a estudar aos 7 anos de idade. Sou de família bastante humilde e sempre tive dificuldades nos estudos. Com 12 anos, fui trabalhar em casa de família e resolvi sair da escola, já que nada aprendia. Arrumei trabalho em uma gráfica e me casei com um homem mais velho do que eu. Logo vieram as diferenças. Com apenas 16 anos, me via cuidando de um casal de filhos - do primeiro casamento do meu marido - e ali começou a minha luta. Sem estudo, passei a sofrer dobrado. Aos 18 anos acordei para a vida e comecei a trabalhar como atendente em um escritório, por indicação de uma amiga. Ali, fiquei 15 anos de minha vida, com muitas oportunidades que perdi por não ter continuado os estudos. Casei-me pela segunda vez aos 20 anos e hoje tenho 3 filhos. Aos 42, resolvi voltar a estudar.

Ideni Fagundes Fialho



Voltando a estudar

Eu vim do Nordeste para o interior de São Paulo com 20 anos de idade. Morei um tempo por lá e depois vim para Guarulhos. Como eu saí da escola depois dos 15 anos, resolvi voltar a estudar e isso me deixa muito feliz. Tenho 36 anos.

Manoel Francisco Castão

Sobre minha mãe

Eu tinha 12 anos quando meu irmão e minha irmã me falaram que minha mãe havia ido trabalhar, mas eu achei estranho, porque meu tio tinha acabado de dizer que ela havia ido comprar cigarros. Não disse nada. A noite passou e no outro dia ouvi meus irmãos conversarem sobre minha mãe, que estava no hospital. Depois de uma semana, ela faleceu. Hoje tenho 17 anos.

Álvaro Matheus Adorno Bezerra



Álvaro



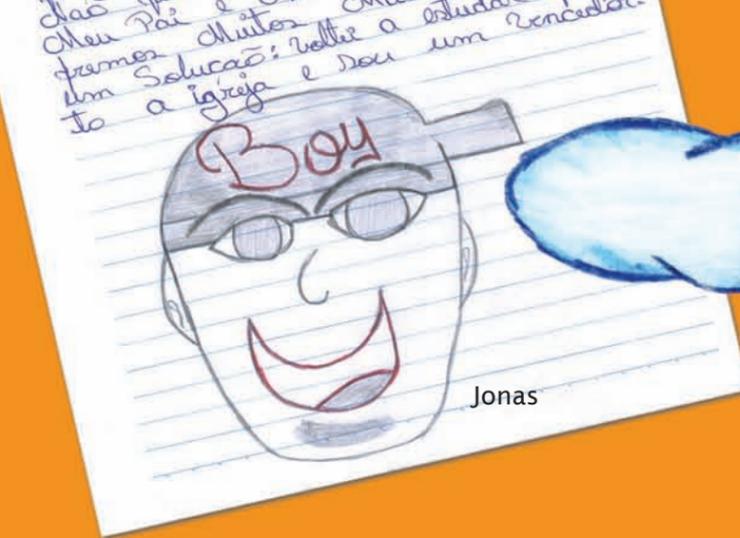
Maria de Fátima

Minhas melhores memórias

Minhas melhores memórias vêm da infância, quando eu morava numa fazenda em que minha família trabalhava e lá havia muitas vacas, cavalos, galinhas e porcos. Eu gostava muito de brincar com meus irmãos. Essa foi uma época de que nunca esqueço, porque essa fase foi muito boa, maravilhosa. Tenho 27 anos. Sou de uma cidade da Paraíba chamada Malta.

Maria de Fátima Guedes Gomes





Jonas

Final feliz

Tenho 16 anos e minha história não foi boa, mas teve um final feliz. Quando tinha 5 anos, minha mãe se separou do meu pai. Era uma família de três filhos. Minha mãe não ficou com meus irmãos. Meu pai e meus irmãos sofreram muito, mas Deus deu uma solução: voltei a estudar, frequento a igreja e sou um vencedor.

Jonas Alves de Lima

Superação

Vivi em Pernambuco até meus 4 anos, depois minha mãe e meu pai vieram morar em São Paulo. Aí, tudo mudou, porque meu pai faleceu logo depois e passamos muita necessidade. Minha mãe casou-se novamente e aí ganhei seis irmãos. Fui trabalhar com 18 anos e me casei em seguida. Tive seis filhos. Depois de 15 anos casada, fiquei viúva. Casei-me novamente e tivemos uma filha com deficiência intelectual e insuficiência renal crônica. Estamos casados há 17 anos e tenho 7 netos. Resolvi terminar os estudos depois de todos os filhos já grandes. Isso para mim é uma superação, pois achava que nunca mais ia estudar. Hoje, com muita perseverança, sei que irei terminar.

Aldenice Freire dos Santos



Rubervan

Biro Sete

Meu nome é Biro Sete. Tenho 20 anos, nasci em Santo Antônio de Jesus, na Bahia. Hoje, moro em Guarulhos, mas uma de minhas melhores lembranças vem do tempo em que morava na Bahia. Era um tempo bom, em que eu estudava e tinha muitos amigos. Um dia um deles me colocou o apelido de Biro Sete. Era porque a gente jogava dominó juntos e eu sempre ganhava com sete pontos.

Rubervan de Jesus Mota



Victoria

De menina a mulher

Nasci no bairro do Jabaquara em São Paulo e hoje tenho 19 anos. Eu tinha 13 anos, quase 14, quando meus pais não estavam numa fase muito boa, brigando muito. Minha mãe decidiu ir embora de casa e nos deixou com meu pai. Foi quando decidi tomar uma iniciativa para minha vida e ir atrás de serviço, mas como era muito nova, não podia trabalhar. Cuidei de meus irmãos mais novos e deixei de ser menina para passar a ser mulher. Isso me tornou mais forte e tenho a certeza de que essa fase me ensinou a ter uma visão melhor do mundo.

Victoria Akemi Pires Ferreira

Tenho 16 anos

Fui uma criança que não tinha amor dos pais. Fui criada com meus avós, porque minha mãe não se importava comigo. Minha adolescência foi muito difícil, era revoltada, rebelde, respondia, enfrentava e respondia mal a todos que a mim se dirigiam. Comecei a gostar de uma pessoa que me enganou. Em 2016, melhorei um pouquinho. Ainda moro com meus avós, que têm muita paciência comigo e procuram me fazer feliz. Atualmente, estou trabalhando e fazendo as coisas de que gosto. Tenho 16 anos e nasci na Praia Grande.

Laryssa Evelyn Pereira

Não tinha com quem brincar

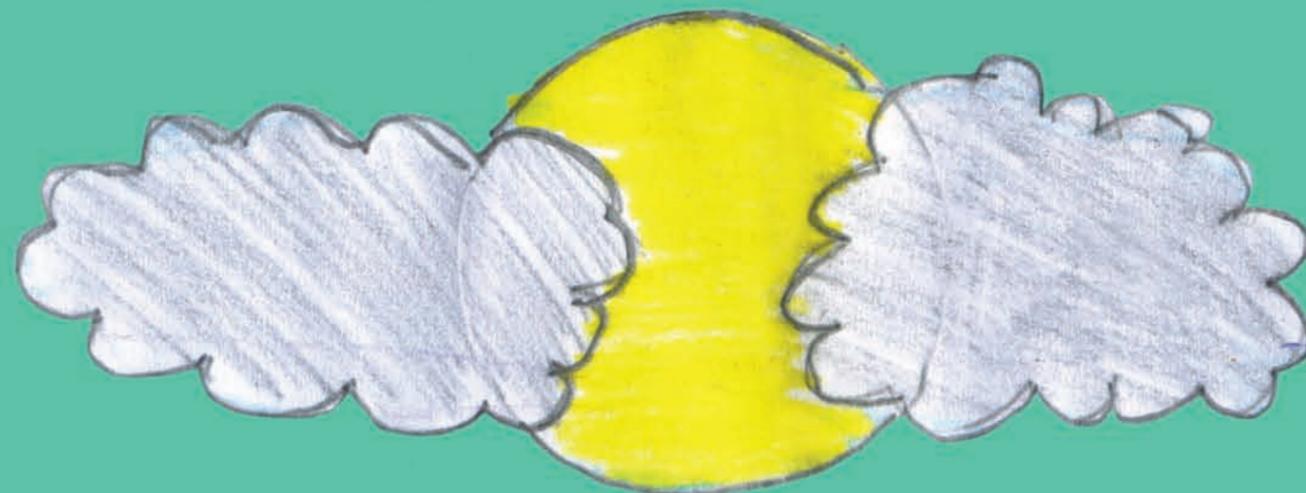
Eu tinha apenas 1 ano de idade, quando minha família se mudou do Ceará para o Piauí. Não tinha com quem brincar e bem nova já cuidava dos meus irmãos menores, enquanto meus pais trabalhavam na roça. Mudamos para o Maranhão, numa casa pequena sem frequentar escola. Nessa época, eu já estava com 10 anos. Quando me casei, vim para São Paulo. Isso em 1983. Tivemos duas filhas. Dez anos depois, fiquei viúva e passei muitas dificuldades. Ano passado, voltei a estudar. Tenho atualmente 53 anos.

Maria Madalena

Tornei-me “mulher”

Meu irmão nasceu quando eu já tinha quase 5 anos de idade, depois de muitos desentendimentos entre meus pais. No ano que eles se separaram, eu fui reprovada na escola. Minha avó paterna e meu avô materno faleceram com a diferença de 2 anos. Em 2015, numa festa, “tornei-me mulher”. Em 25 de janeiro de 2016, perdi todas as minhas estruturas emocionais. Nesse mesmo ano, comecei a estudar na EJA e conheci o Patrick. A melhor coisa que me aconteceu foi aqui na EJA. Tenho 17 anos.

Julia Beatriz Zunhiga Dias



Já morei na rua

Todo ano, minha mãe estava grávida. Era legal ter muitos irmãos, mas nenhum gostava de escola. Estudei na escola estadual, mas logo saí. Fui para a escola de futebol. Eu gostava, mas precisava estudar para ficar lá. Já morei na rua. Nasci em Guarulhos e tenho 18 anos. Em 2016, criei juízo, voltei pra casa e reiniciei meus estudos.

Gabriel da Silva

Apareceu uma pessoa

Nasci em Viçosa, no Ceará, em 1975. Até os meus 14 anos de idade, morei com os meus pais e, então, sai para trabalhar no Estado do Pará. Permaneci lá por 3 anos. Voltando para minha terra natal, não me acostumei e vim para São Paulo. Arrumei emprego e trouxe meu tio para trabalhar também, que acabou me prejudicando com fofocas para ocupar meu lugar na firma. Pedi a conta. Acabei sem dinheiro, virando mendigo de Guarulhos e da Praça da Sé. Um dia, apareceu uma pessoa desconhecida e me ofereceu um emprego. Aceitei meio desconfiado, porque é difícil confiar em morador de rua. Estou empregado até hoje, construí minha família, tenho amigos e sou feliz.

Francisco das Chagas

Enfrentando cobras

Sou pernambucano. Nasci em 1970 e, com 8 anos de idade, já trabalhava na roça com os meus pais. Em 1995, meu pai, eu e meus irmãos deixamos minha mãe em casa e fomos para o sul de Pernambuco, enfrentando cobras para ganhar o sustento da família por meio de desmatamento. Dois anos depois, vim para São Paulo. Consegui emprego. Este ano, comecei a estudar.

Edvaldo Inácio

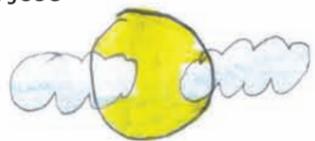
Dois golpes duros

Tenho 27 anos e sou natural de Guarulhos. Perdi minha mãe com 11 anos de idade. Quando senti que a vida era dura demais para uma criança, perdi meu pai. Foram dois golpes duros quase seguidos. Arrumei serviço numa vidraçaria para cuidar de mim e de mais dois irmãos. Meus irmãos também começaram a trabalhar cedo e não frequentamos escola na idade certa. Todos trabalhadores, casamos e voltamos a estudar agora.

Willialdo Marcondes



Juliana e José



Não existe faculdade melhor do que a vida

Como todos sabem, a vida é de altos e baixos. Bem, tive uma infância muito difícil e a juventude também. Muitas vezes, me perguntava o porquê de acontecerem tantas coisas ruins, mas descobri que os fatos ruins são um treinamento para que possamos nos tornar seres humanos melhores para a sociedade. Não existe faculdade melhor do que a própria vida.

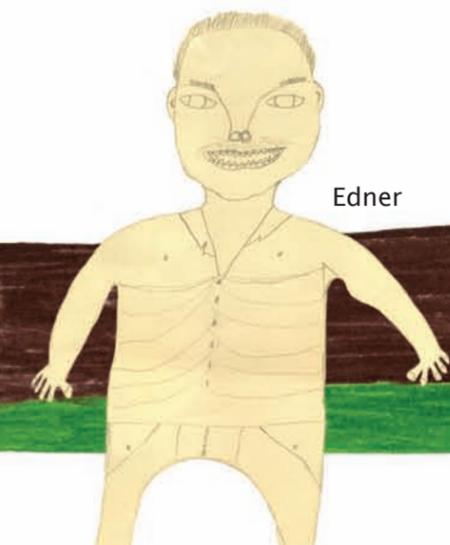
Antes, onde eu via só derrotas, hoje eu vejo só vitórias, e a cada dia agradeço por tudo. Hoje eu tenho uma família com filhos e netos. Tenho minha casa própria, meu carro e estou realizando o começo de um sonho: estar numa sala de aula, já me preparando para mais à frente me tornar uma pessoa integrada no meio social e quem sabe até fazer doutorado.

José Frutuoso da Silva

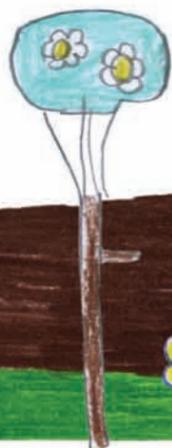
Meu sonho é ser feliz e criar os meus filhos

Quando eu tinha 7 anos, meu pai fugiu com uma menina de 14 anos. Ele tinha 45. Fugiu deixando a minha mãe com cinco filhos para sustentar. Era muito difícil. Eu me senti na obrigação de ajudar. Hoje, casado com Gisele Ramalho, sou pai e tenho um casal de filhos. Minha filha se chama Giovana e meu filho Daniel. Trabalho na área de panificação e já estou no mesmo lugar faz 21 anos. Meu sonho é ser feliz e criar os meus filhos.

Edner Pereira Silva



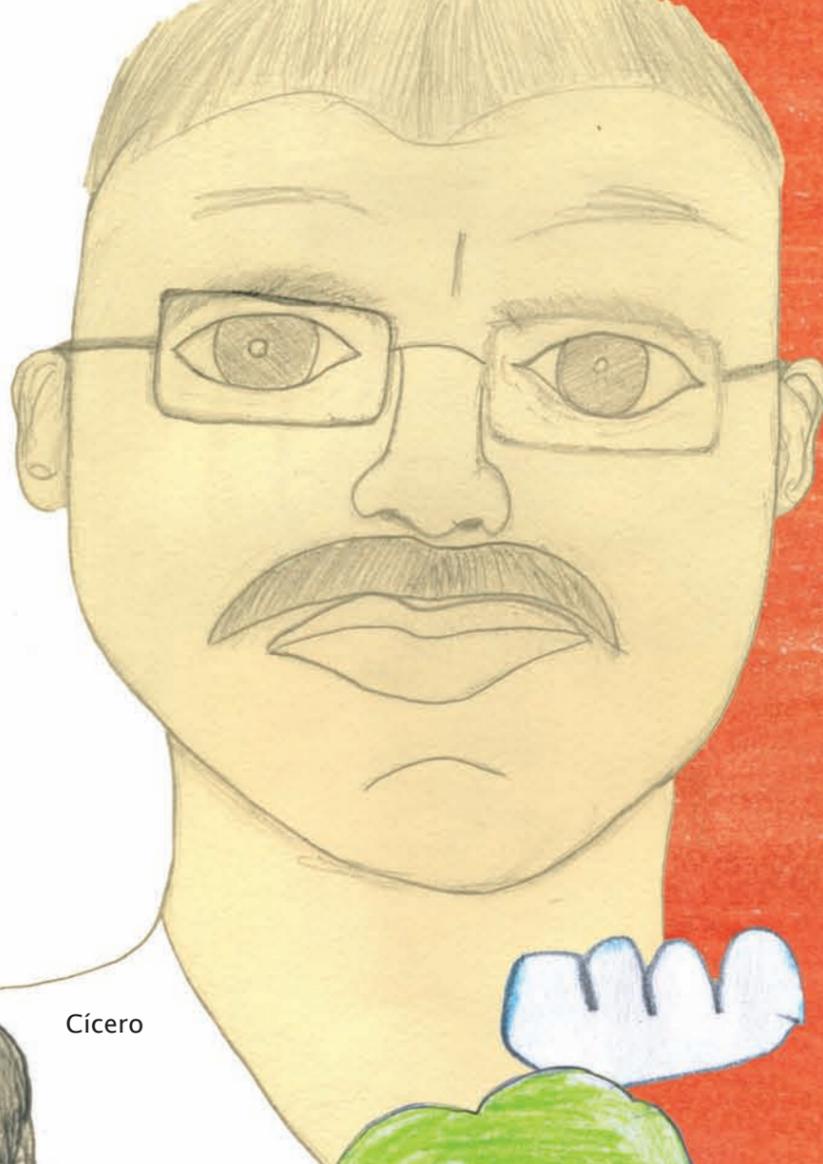
Edner



Delza



Cícero



Construindo a própria estrada

Quero falar um pouco de mim. Em 1982, vivi uma fase difícil da minha vida: parei de estudar. Me doeu muito ter que parar de estudar pra sobreviver, tendo que trabalhar com meus pais numa frente de serviço chamada Sudene. A gente trabalhava uma quinzena para comprar meio saco de milho e meio saco de farinha para poder comer com os meus 12 irmãos. Hoje eu só tenho dez irmãos. Nesse tempo nós passávamos fome todos juntos. Ver a minha querida mamãe se matando no trabalho junto com o meu pai me doía demais. Nós trabalhávamos fazendo as estradas e hoje estou bem aqui no Estado de São Paulo.

Cícero da Silva Gomes

Ela perdoou e começou tudo de novo

Quando eu tinha 5 anos, meus pais brigavam muito. Um certo dia, minha avó alugou um caminhão, sem minha mãe saber, e colocou todas as nossas coisas. Falou para o caminhoneiro jogar tudo lá no Jardim Brasil, onde a mãe da minha mãe morava. A casa era um cômodo pequeno e na hora que o caminhoneiro deixou as nossas coisas no portão começou a chover. No quintal tinha uma casa abandonada. Minha mãe arrebentou a porta para eu e meus irmãos não tomarmos chuva... Na época, eu tinha um irmão de colo, um de quatro anos, uma irmã de oito e o mais velho tinha nove. Daí em diante, minha mãe se virou sozinha comigo e com meus irmãos durante muito tempo. Só que ela perdoou meu pai e começou tudo de novo...

Juliana Torri de Carvalho

De pau de arara e sem lugar para ficar

Minha infância foi muito marcada. Mãe, irmão, padrasto e eu viemos do Estado da Bahia de pau de arara, sem dinheiro, sem comida, sem lugar para ficar. Achamos uma colônia para trabalhar no interior de São Paulo. Foi a maior exploração e tivemos de sair fugidos. Viemos parar na Estação da Luz, onde dormimos na praça. Ficamos dias e dias. Depois, um senhor ficou com dó de nós, arrumou um quartinho na Parada Inglesa. Daí começou nossa história: esse quartinho, dormir no chão, fogão de uma boca só.

Aos 7 anos de idade, eu mesma me matriculei na escola, sem minha mãe saber. Aos 8 anos, fui trabalhar para comprar um guarda-chuva. Aos 12 anos eu já tinha a responsabilidade de um aluguel nas minhas costas.

Delza Miranda Beck





Giulia

Apelidos

Nasci prematura. Meus pais se separam quando eu era ainda bem pequena. Aos 8 anos, brincando com meus irmãos, me queimei com álcool. Na escola, as crianças começaram a me dar apelidos e, a cada dia, eu tinha menos vontade de estudar, mas minha mãe achava que aquela era a melhor escola do mundo. Com 14 anos, comecei a trabalhar com alguns bolivianos. Nós íamos juntos para a escola. Certo dia, levei um tapa no rosto de um dos meninos. Revidei e fui suspensa. Tive que parar de estudar. Trabalhei em salão de beleza. Após alguns anos, fui para Vila Velha morar com uma tia, mas acabei voltando. Hoje trabalho com minha mãe e meus irmãos e retomei os estudos. Penso em proporcionar uma vida melhor pra minha família. Estou na EJA e penso em realizar o sonho de fazer um curso superior.

Giulia Carla Ferreira dos Santos

Enem 2016

Nasci em Salvador e minha infância foi repleta de brincadeiras e peraltices. Meu pai faleceu em 1964, quando eu tinha 16 anos incompletos, em meus braços, por falta de atendimento médico, já no Rio de Janeiro. Estudei apenas até o 2º ano ginásial, atual 7º ano. Aos 14 anos, tive um namoro com uma prima. Isso, no meio da minha família, soou como um grande absurdo e, em decorrência me mandaram para São Paulo. Aqui vivi com meus tios até os 24 anos, quando me casei. Temos três filhos. Após 40 anos de casamento, em 2013, foi concretizado o divórcio. Em São Paulo, trabalhei em fábrica de calçados. Cursei o Senai Gráfico, me formei em linotipia. Trabalhei no ramo gráfico com artes gráficas, arte-finalista e design gráfico. Pretendo prestar a prova do Enem 2016 e me formar em Direito.

Joselito Ramos de Oliveira



Joselito

Sem tempo pra brincar

Desde muito pequeno, minha função já era buscar a parteira para que ela trouxesse à vida meus 14 irmãos mais novos. Aos 7 anos, eu já tinha a obrigação de cuidar deles, por isso não tinha lá muito tempo para brincar. Trabalhando na roça, com apenas 20 anos, comecei a construir, em Maraial (PE), minha própria casa de pau a pique. Foi também nessa época que comecei a namorar e conheci Marineide, mãe dos meus filhos Lucas e Luana. Com 56 anos, já sou avô. Durante a infância, ia à escola, mas, por muitas vezes, parei os estudos, pois a escola ficava muito distante de minha casa e, por conta de trabalhos, sempre tinha que interromper. Sinto que ainda tenho dificuldades para escrever, porém consigo ler bem. Ter aprendido a dirigir foi mais fácil do que escrever.

Geraldo Barbosa da Silva



Geraldo

Certa sabedoria para...

Minha família e eu morávamos em uma casa de pau a pique. Meu pai ia sempre à cidade e na volta trazia balas e doces. Isso me fazia bastante feliz aos cinco anos. Em plena infância, eu já tinha de trabalhar no roçado. Na adolescência, fui muito arteiro, gostava de tomar banho de rio e jogar bola. Vim para São Paulo a trabalho. Fui ajudante de caminhoneiro, frentista, e atualmente, sou azulejista, de forma autônoma. Um momento inesquecível para mim foi quando estive no Hopi Hari, porém não consegui curtir muito, pois tive uma crise de enxaqueca e fui até levado pelos bombeiros a uma sala para tomar, na veia, um coquetel de remédios. Hoje, com 38 anos, acredito possuir certa sabedoria para lidar com os obstáculos e desafios do dia a dia. Quero prestar concurso público para papiloscopista e atuar como policial civil.

Obede Feitosa de Sousa

Aos 17, um filho, depois mais 11 crianças

Eu subia em cajazeira, umbuzeiro, em pé de jaca. Parecia mais moleque do que uma menina. Lavei trouxa de roupa no Rio Tapicuru, em Senhor do Bonfim. Não ia à escola para ajudar a criar meus irmãos menores. Aos 15 anos, vim para São Paulo de caminhão. Aos 17 anos, tornei-me mãe pela primeira vez. Depois vieram outras 11 crianças. Aos 16 anos, fui doméstica. Aos 30, fui supervisora de limpeza e, aos 40, vendia doces para incrementar a renda de minha família. Hoje, sou pensionista e dona de casa. Moro com minha filha e mais quatro netos. Um deles portador de necessidades especiais. De vez em quando, todos os filhos se reúnem em família. Aos 68 anos de idade, resolvi estudar. Pretendo tirar minha habilitação, comprar um carro, pagar a habilitação de minha filha para podermos passear em família.

Bárbara Maria do Nascimento



Obede

Medicada com receitas caseiras

Nasci via parto normal, com uma parteira. Até os 4 anos, fui uma criança magrinha, doente e com uma barriga grande. Sentia dores. Meus pais não tinham condições para me levar ao médico, pois além da distância não tinham dinheiro para pagar as despesas. Eles me medicavam com receitas caseiras, oriundas de plantas medicinais. Aos 8 anos, fui à escola pela primeira vez, todavia não ficava nem quatro meses, pois meus pais andavam de cidade em cidade em busca de trabalho. Aos 17 anos, eu tive de sair de casa para trabalhar para ajudar minha mãe nas despesas de casa, pois meu pai faleceu, e juntar um pouco de dinheiro para me casar. Trabalhei durante dois anos e consegui juntar um dinheiro para, pelo menos, fazer um almoço. Hoje, em São Paulo, vivo com meu marido e meus dois filhos.

Josilene dos Santos Barbosa



Bárbara



Josilene

Minha própria mãe era preconceituosa

Comecei a estudar com 6 anos, numa escola de zona rural. Enfrentei muitos preconceitos dentro e fora de casa, pois minha própria mãe era preconceituosa. Durante muito tempo, meus pais adotivos esconderam minha história. Minhas primas, que são brancas, me diziam que eu não tinha o sangue delas. Nessa época, tínhamos uma televisão que funcionava com bateria. Quando estava descarregando, meu pai não deixava a gente ver "Chaves", pois ele queria assistir o jornal e, quando a bateria ia acabar, o quadro da tevê ia fechando. Foi um momento marcante. Em 96, tiraram o professor leigo da escola e tive que ir estudar na cidade. Ia num caminhão coberto de lona com bancos de madeira improvisados. Casei-me com 16 anos e enfrentei muitas dificuldades. Hoje tenho duas filhas, sou diarista e consultora de cosméticos.

Gilda Leonídia de Jesus Santos

Marido ciumento, estudo interrompido

Com 9 anos, eu colhia feijão, arroz, raspava mandioca pra fazer farinha para ajudar meus pais a sustentar a casa. Na adolescência, gostava de passear com os amigos, ir a morros, florestas, nadar em represas, açudes, enfim, brincar e, especialmente, dançar, coisa de que eu fui fanática. Em Valência, São Domingos, um povoado, estudei até a 4ª série. Desde então, tive muito desejo em terminar meus estudos. Quando fiz 17 anos, vim para São Paulo. Trabalhei numa firma de limpeza, que prestava serviços à Receita Federal, em Guarulhos. Casei e novamente tive que interromper os estudos, pois meu marido era ciumento e não me deixou estudar. Hoje em dia, pretendo cursar o ensino médio, fazer o curso de Radiologia, trabalhar para ter uma vida mais segura financeiramente e ser uma pessoa melhor.

Maria Gorete Pereira da Silva

Cuidar do outro e cuidar de si

Eu morava numa olaria com minha família. Meu pai faleceu quando eu tinha 12 anos e minha mãe no ano seguinte. Parei de estudar. Nessa época, fui morar com um rapaz, mas não deu certo. Tirei meu RG com 16 anos e voltei a estudar, me matriculando na EJA. Cuido da casa, ajudo a cuidar dos meus sobrinhos e trabalho aos domingos na feira, pra ajudar na renda de casa. Pretendo me casar, ter filhos, tirar carteira de motorista, ter um emprego pra comprar uma casa e um carro. Sou uma pessoa feliz, bem cuidada e gosto de ir pro Fluxo (baile funk).

Jacqueline Rafaela da Silva



Natália



Jacqueline

Quero ser bombeira

Nasci no Hospital Menino Jesus, em Guarulhos, São Paulo. Quando meu irmão mais novo era bebê, eu cuidava dele com ajuda da minha mãe. Nessa época, eu estudava numa escolinha muito divertida. Na minha infância, eu brincava muito na rua, com minhas bonecas e me divertia com meus colegas, que já não moram mais perto de mim. Na minha pré-adolescência, eu fugi de casa. Meu pai era alcoólatra e sempre batia em mim. Hoje eu me arrependo de ter fugido, porque vivo bem com meus pais. Mais tarde, conheci meu primeiro namorado e comecei a trabalhar. Foi um dos melhores momentos pra mim. Meus irmãos são casados e tenho duas sobrinhas lindas. Estou noiva e em breve irei me casar. Estou estudando na EJA para ter um bom trabalho e um futuro. Quero ser bombeira.

Natália Sales dos Santos



Maria Gorete

Gilda

Instituto Museu da Pessoa

Diretora-Presidente
Karen Worcman

Direção Executiva
Sônia London

Prefeitura de Guarulhos

Prefeito
Sebastião Almeida

Secretaria Municipal de Educação

Secretário
Moacir de Souza

Coordenadores do Projeto

Roseli Ferreira de Souza Araujo
Sergio Andrejauskas Ferreira da Silva

Instituto EDP

Diretor-Presidente
Miguel Nuno Simões Nunes Ferreira Setas

Coordenadora do Projeto
Ana Maria Scheneider Correa Araujo

Publicação *Histórias - Toda escola tem uma para contar - Guarulhos 2016*

Coordenação Geral
Sônia London

Gestão de Projetos
Marcos Terra

Formadora e Coordenadora
Marcia Elias Trezza

Edição dos Textos
Lia Paraventi

Revisão dos Textos
Sílvia Balderama

Projeto Gráfico
Fernanda Mascarenhas
Renato Theobaldo

Produção Gráfica
Praxinoscópio

Desenhos
Alunos e alunas participantes do projeto

Escolas Participantes

EPG Prof. Edson Nunes Malecka

Prof.^a Maria Aparecida Viviane de Lima Pereira
Alunos do 4º ano A

Prof. José Geraldo Galdino Filho
Alunos do 4º ano D

Prof.^a Gilvanice Galdino de Lemos
Alunos do 4º ano H

Prof. Carlos Mitsuo Ohya
Alunos do 4º ano I

Coordenadora Pedagógica
Adriana Boarretto Barbosa

EPG Elis Regina

Prof.^a Ademilde Ferrel
Prof. Edmilson de Ávila Junior
Alunos do 4º ano D

EPG Inêz Rizzato Rodrigues

Prof.^a Marta Cavicchioli Praça Alves
Alunos do 3º ano A

Prof.^a Eunice Brito Moreira
Alunos do 4º ano A

Prof.^a Ana Maria de Lima Campos
Prof.^a Fabiana Pelizário da Silva Santana
Alunos do 4º ano B

Coordenadora Pedagógica
Maria Helenice Corrêa Luz

EPG Dorival Caymmi - Projeto Autonomia do Saber

Prof. João Paulo Pereira
Prof.^a Luciana Franca Guerra
Alunos da educação de jovens e adultos (EJA)

Coordenadora Pedagógica
Eliane Gomes Ferreira Valuarte

EPG Gabriela Mistral - Projeto Autonomia do Saber

Prof.^a Camila de Moraes Souza
Prof. Rafael Pereira de Souza
Alunos da educação de jovens e adultos (EJA)

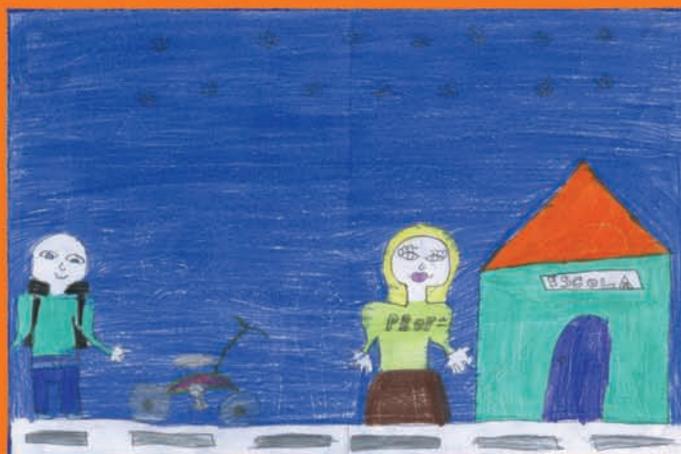
Coordenadora Pedagógica
Marinalva Romão de Araujo

EPG Professora Sílvia de Cássia Matias - Projeto Autonomia do Saber

Prof. Jefferson Pimenta
Prof.^a Miriã Soares dos Santos
Prof.^a Zenilda Mendonça Cremonesi
Prof.^a Mônica Bittencourt Martins
Alunos da educação de jovens e adultos (EJA)

Coordenadora Pedagógica
Renata da Silva Gonçalves





Parceria

**PREFEITURA
DE GUARULHOS**

instituto



Patrocínio



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

